

Gilberto Catunda Sales
Pró-Reitor de Extensão e Cultura
Professor doutor do Departamento de Agronomia da UEM

1 – Como a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura vê a arte praticada na UEM?

Eu vejo como praticada e ofertada livremente, como assim deve ser, arte para a comunidade geral. É uma arte presente, atuante e vibrante e que semeia as linhas da cultura no meio da Universidade.

2 – Como é vista e praticada a arte na UEM?

A resposta pela passa pela raiz da comunidade, que tem no seu DNA a mescla da cultura em nossa comunidade. Daí a quantidade de grupos e eventos que existem na UEM.

3 – O que a arte praticada dentro da UEM tem que fazer para ser reconhecida pela mesma?

Vejamos, nós temos uma Diretoria de Cultura que possui Grupos de Extensão: Fogaça, Apis, Oficina de Dança, Tap – Sapateado, Teatro Universitário e Coral, e ações como aulas de dança, artes visuais, cerâmica e teatro, eventos como: UEM nos Palcos, Festival de Teatro, Temporada Universitária e Acorde Universitário, todas estas ações são instrumentos que fazem parte da sedimentação da cultura e da arte universitária, particularmente na UEM, que tem apenas 44 anos de existência. A arte não tem idade, e sua influência na cultura não é medida, a não ser pelo tempo. Temos convicção que fazemos o essencial.

agenda

PROGRAMAÇÃO

GRUPOS CONFIRMADOS NO “Festival de Teatro Maringá”

Período: 18/11 a 24/11/2013 (Noturno) Horário: 20h30 às 21h30min	Coordenador: Pedro Carlos de Aquino Ochôa Apoio: Lucilio e Marcos Local: Oficina de Teatro da UEM / Bloco 008	Carga horária: 16 horas
---	--	-------------------------

Grupos de teatro	Espetáculos.	Data	Procedência	Duração	Faixa/etária	Contato	e-mail	M	F	Trans
Massa G. de Teatro	Capivara, na luz trava	18/11/13	Cidade/RJ	60 min	16 anos	021- 8846-5576	fernandocbn@uol.com.br			
T. Depois da Chuva	Os Bons Serviços	19/11/13	Passo Fundo/RS	43min	livre	054-9141-7021	depoisdachuvateatro@gmail.com		3	
Estúpida – Cia. De Teatro	Estúpido	20/11/13	Londrina/PR	112 min	Adulto	043-3024-1381	jessiaramezes@hotmail.com			
	Galo de Rinha	21/11/13	V. Redonda/RJ		livre	024-3343-5992	alexandra.garnier@uol.com.br	2	2	
	O Conto do Anjo Caído	22/11/13	São Paulo/SP	-	-	-	-	-	-	-
Gene Isanno – Cia. de Teatro	Corações solitários	23/11/13	Lapa/RJ			021-80878909	Gene_insanno@hotmail.com	-	-	-
Combi Cia. Brasileira de interpretações	O Judas em sábado de aleluia	24/11/13	Cidade/RJ	60min			combiteatro@yahoo.com.br			

Fazendo “arte” na UEM: edição especial traz projetos e ações na área de cultura



ARTE PRATICADA NA UEM Qualidade também na Extensão

editorial



José Gilberto
Catunda Sales
Pró-Reitor de Extensão e Cultura
Professor doutor do Departamento de Agronomia da UEM

Extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade.

A concretização das ações da extensão universitária ocorre através de projetos e/ou programas que partem da iniciativa de docentes, discentes e técnicos universitários. Estas ações, em sua maioria, buscam captar recursos externos que, infelizmente, já nascem limitados pelo financiamento instável que prejudica sua continuidade, impondo à extensão universitária um grande esforço para cumprir a missão de produzir conhecimento para o desenvolvimento ético, humano e sustentável.

Por tudo isso, após mudança de governo e de políticas de financiamento para as universidades, em especial dando mais aporte ao desenvolvimento da inovação tecnológica, a extensão universitária, em particular a da Universidade Estadual de Maringá, teve que se readaptar à nova realidade e apresentar aos organismos responsáveis pelo financiamento nesta área acadêmica ações que buscavam sensibilizar estes agentes, através de suas potencialidades, em especial como mediadora entre a universidade e as necessidades políticas, econômicas e sociais da população assistida pelos seus projetos.

Graças a uma comunidade acadêmica de extrema qualidade que possuímos na UEM, iniciamos o ano orçamentário de 2013 com 20 projetos aprovados, totalizando R\$2.200.000,00 (dois milhões e duzentos mil reais), captados externamente por meio de editais de agências de fomento. Todos os projetos atendem às áreas temáticas da extensão universitária. Neles estão envolvidos, além dos seus coordenadores, mais um contingente de 99 alunos da graduação, que participam diretamente na execução de cada um deles, com suas respectivas e merecidas bolsas.

destaque



Professor mestre
Pedro Ochôa
Diretor de Cultura da UEM
Coordenador do TUM –
Teatro Universitário
Professor do Departamento de
Música - Artes Cênicas

Cultura e Universidade

Cultura: o modo como vive um povo ou uma nação está relacionada ao comportamento à produção de conhecimentos entre outros fatores da produção e modo de vida do homem.

Cultura acadêmica: um aluno quando ingressa em um curso na universidade está em busca de conhecimento para a formação profissional; durante a sua passagem pela vida acadêmica tem uma convivência cotidiana com colegas, professores e servidores da instituição e como esta relação se estabelece determina uma forma de cultura acadêmica. Em uma avaliação sobre o assunto, podemos não aprovar a realidade cultural no meio acadêmico, mas afirmarmos que este não tem cultura seria negar a existência deste local e das pessoas que ali estão.

Consideramos um equívoco quando atribuímos à Cultura existente na Universidade somente as atividades artísticas que ali são realizadas. A arte é uma manifestação da cultura e não representa a única forma de cultura no meio acadêmico. Identificar atitudes e necessidades de uma comunidade acadêmica é um caminho para ações de incentivo a manifestações culturais importantes para o desenvolvimento, integração e democratização da cultura universitária.

Acreditamos que locais e ações que promovam o encontro de alunos, professores e técnicos de diferentes áreas do conhecimento podem contribuir para o desenvolvimento de uma cultura mais rica em saberes; neste sentido, a arte e o evento artístico tem uma importante contribuição na construção da cultura acadêmica.

Dança de São Gonçalo - reprodução de uma lenda ou devoção a um santo

A proposta de descrever umas das manifestações populares mais rica da nossa cultura sistematizada no presente texto tem dupla função. De um lado, analisar o seu papel na formação da percepção e da sensibilidade do indivíduo praticante através do trabalho de reprodução, criador se apropriando da manifestação religioso-popular da “Dança de São Gonçalo” com conhecimento artístico do contato com a produção cultural existente. E de outro lado, colher a significação da arte popular no processo de humanização do homem, visto que este, como ser criador, se transforma e transforma o cotidiano natural através da necessidade de culto religioso pelo cos-tu m e e da criatividade de fazer e vivência, produzindo assim, novas maneiras de ver, sentir e se impor culturalmente, mesmo que através do religioso.

Nas nossas pesquisas sobre as usanças relativas à reza e à dança de São Gonçalo, baseado em estudos bibliográficos e em observações de cultos religiosos de várias regiões brasileiras, não poderia deixar de fazer um pequeno e breve histórico da vida deste Santo português, exemplo de bondade, humildade e compaixão cristã. Quem foi São Gonçalo?

São Gonçalo nasceu em Arriconha, província de Tagilde, em Portugal. Filho de nobres recebeu cedo as ordens religiosas. Foi pároco de São Paio de Riba-Vileza e radicou-se em Amarante no ano de 1238. Era muito virtuoso e fez inúmeros milagres em vida. Faleceu em Amarante (Douro) em 10 de janeiro, que tomou seu dia, de 1259, e foi beatificado em 1561.

Em Portugal sua imagem apresenta-se com a cabeça descoberta e segurando um cajado na mão direita. Já aqui no Brasil, ele se apresenta com chapéu e no lugar do cajado segura uma viola. Há imagem em que o Santo está de batina e em outras de jaqueta, calça e bota. O registro mais antigo da manifestação da dança de São Gonçalo no Brasil data de 1718 na Bahia. Na época, o Conde de Sabugosa, governador daquele estado, proibiu o ato religioso alegando que o mesmo era obscena e desrespeitosa demonstração de fé; nos atos religiosos, nobres, escravos e mulheres, com acompanhamento de viola, tiravam a imagem do Santo do altar e dançavam com ela com se vê ainda hoje em vários estados brasileiros.

Ainda na Bahia, em 1843 o padre Lopes Gama proibiu a Dança de São Gonçalo e escreveu: “Na tal dança elas (mulheres), saracoteia as ancas, mexem-se, saltam, pulam e fazem coisas de cabeça, tudo para

maior honra de Deus e louvor de São Gonçalo?”.

Casamenteiro das mulheres viúvas e prostitutas, salvador de almas penadas, músico e festeiro ou simplesmente uma lenda? No início, a dança era de caráter erótico, que foi desaparecendo gradualmente, ficando apenas a feição religiosa, que prevalece até hoje realizada em pagamento de promessas ou de graças recebidas. Baseadas nas em nossas pesquisas e nos relatos orais tradicionalmente repetidos, podemos dizer que São Gonçalo foi um jovem alegre, festeiro que reunia mulheres de vida fácil e as levava durante a semana a festas no porto de Amarante (Portugal), para que, no domingo (dia santo), cansadas, não pecassem, condutas estas que a sociedade local, a Igreja e sua família não aceitavam, levando o Santo a se punir de forma bruta, como tomar chá com fel, andar sobre pregos e ainda dormir na pedra bruta.

O culto a São Gonçalo ou a Dança de São Gonçalo é atualmente a última manifestação de dança religiosa universal de súplica, humilde, pobre, anônima e resistente que reflete e representa a religiosidade natural do nosso povo; é uma rica demonstração de criatividade e adaptação a nossa cultura.

Espalhado por todo o Brasil, é uma dança (não uma festa), dançada em vilas, povoados e fazendas, sempre em pagamento a alguma graça alcançada. Não se deve oferecer dinheiro ou bens materiais; as ofertas tem que ser em arranjo para o altar, queima de velas, a reza dos doze (12) ofícios e a dança. O acompanhamento dos músicos, em especial a viola, a disposição inicial dos participantes em fileira ou em coluna, as coreografias, orações, cantos e participação de mulheres variam por região, sua organização acontece geralmente no sábado à noite, véspera de dias santo ou feriados, por ser extremamente longa pelas repetições dos ofícios e mensura ao Santo torna-se cansativa para os dançarinos que terão o Domingo para descansar. São Gonçalo em Portugal não traz consigo a viola. Esta é uma contribuição brasileira do homem do campo com à religião e a consagração a nossa viola.

A Dança de São Gonçalo na sua forma criativa, coletiva, popular, “artística” e adaptada propondo-se a novas formas de refletir sobre as relações religioso-sociais no Brasil, a manifestação consistia numa apropriação da vontade espontânea essencialmente natural do homem daquela época, que com variações regionais chegaram até nos “GRAÇAS A SÃO GONÇALO”.



Professora Sueli Alves de Souza
Grupo Universitário de Dança Fogança
Universidade Estadual de Maringá – UEM

expediente

Reitor: Júlio Santiago Prates Filho
Vice-Reitor: Neusa Altoé
Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Gilberto Catunda Sales
Diretora de Extensão: Jane Maria Remor
Diretor de Cultura: Pedro Ochôa
Ass. de Comunicação Social: Paulo Pupim
Jornalista Responsável: Paulo Pupim (Reg. 2.472).

Divisão de Artes Plásticas e Cênicas: Sueli Alves de Souza
Lara
Projeto Gráfico e Editoração: Luiz Carlos Altoé.
Colaboradores: André Scarate, Euci Gusmão, Marcos Teramoto, Enéias Ramos de Oliveira, Laércio Ferreira, Rosalina Cinti, Lucilio Gobbi Filho.
Jornal da UEM - Edição Especial

contatos:
www.pec.uem.br
email:
jmremor@uem.br
fones: 44 3261 3880
44 3261 3790

O que é suficiente: histórias visuais

Tânia Machado
Professora da APC

Na contemporaneidade, o espaço de atuação para as pessoas maduras está redimensionado, requerendo maiores possibilidades. A arte como instrumento de caráter dinâmico propõe movimento de contínua assimilação de ideias novas e conseqüente renovação. A criatividade, elemento fundamental da arte, predispõe a materialização de ideias, pensamentos, emoções, anseios e necessidades de experiências já vividas. Isso pode representar também transformações e novos significados, como quando a matéria visual é compartilhada com pessoas desconhecidas de seus autores, como aquelas que visitam exposições em espaços públicos. O projeto de extensão “O que é suficiente: histórias visuais” é uma parceria da Divisão de Artes Plásticas e Cênicas com a Unati – Universidade Aberta à Terceira Idade, da Universidade Estadual de Maringá, e que propõe o diálogo entre gerações, mediados pela arte. Os valores, as crenças, as percepções e sentimentos manifestados na forma de imagens, frutos de processos de criação embasados na linguagem visual, estudos da iconografia da história da arte, na literatura, codificadas em imagens simbólicas, apresentam, até



o momento, uma produção parcial, que já foi apresentada em um projeto chamado Talentos da ADUEM, durante evento da Unati em 2012. Em 2014, essa produção completa poderá ser apreciada pelos visitantes das mostras “O que é suficiente” e interagir nas oficinas realizadas paralelas ao evento, chamadas de “Colcha de retalhos”, cujo resultado poderá ser a ampliação de repertórios de vida e de conhecimento do mundo, tanto para os artistas expositores como para o pú-

blico visitante. A arte, plural nas suas manifestações pode dinamizar possibilidades e, neste caso, em especial, o desenvolvimento da imaginação, da cognição, dos sentimentos, e na promoção das experiências estéticas, primeiro individuais, depois em direção ao coletivo.

Para chegar a esses resultados, os encontros e as aulas são realizados no Bloco A-34, no câmpus da UEM, local onde são desenvolvidos os projetos de artes promovidos pela Instituição.



histórica da arte, a apreciação do objeto artístico e a práxis encaminham para o entendimento e o envolvimento com a arte.

Apreciar e produzir: criar um percurso, objetivos deste projeto de extensão. A vivência real da produção em arte é a oportunidade de experimentar técnicas como desenhar, recortar, adesivar, criar imagens virtuais, por exemplo. São momentos de testes e escolhas, de diferentes cores, formatos, gestos, movimentos corporais e sons; de se mostrar, mudar de idéia, decidir novamente.

Estudar, pesquisar, desenvolver idéias, pensamentos, expor sentimentos: toda essa matéria de vida está embasada na linguagem visual e inspirada nos estudos reflexivos de textos de história da arte e da literatura. O que segue é a prática artística – desenho, técnicas mistas, xilogravura, pintura, adesivagem – que resultam em textos visuais representados em um processo evolutivo do pensamento artístico. A união equilibrada dos componentes do ensino da arte – contextualização



“Grupo Oficina de Dança”



O grupo Oficina de dança UEM surgiu em 1992 da necessidade de desenvolver uma atividade de dança com filhos de servidores da UEM. Hoje o grupo conta com a participação de adolescentes, jovens e tem realizado trabalhos fundamentados em pesquisas na área de danças agindo como fomentador das nossas tradições e culturas. O projeto Oficina de Dança trabalha com diversas técnicas de dança: ballet clássico, jazz, contemporâneo e danças populares. O processo desenvolvido ao longo dos

anos resultou em diversos trabalhos de palco. 100 anos de história da mulher brasileira desde 1900 até 2000, representando manifestações culturais de cada época. História do Samba raízes do samba foram fincadas em solo brasileiro na época do Brasil Colonial, com a chegada da mão-de-obra escrava em nosso país. Tempos depois, o samba espalha-se pelos carnavais do Brasil. Tribuna Caos representa situações corriqueiras em nossos noticiários. Violência, Corrupção, Vício, Saúde (dengue),

Pobreza, Poluição e Aquecimento global são elementos distintos e ao mesmo tempo complementares que se funde em um contexto social caótico do nosso país. O Circo conta a história de um menino órfão que encontra um circo abandonado e dele reinventa personagens que ganham vida. Bonecas de pano, bichos de circo, bailarinas, mágicos, faxineiros, malabaristas e palhaços vêm pra encantar o público e mostrar que é possível transformar os sonhos em magia.



Contatos: Aurilene Meneguetti. aacruz@uem.br,
pagina no facebook - Oficina de dança UEM
3011-8992 sala da dança, 3011-5945 APC

Grupo Coral Universitário



O coral da Universidade Estadual de Maringá “Coral da UEM” foi criado em 19/11/1973 como órgão suplementar da Reitoria, conforme a portaria nº. 25/1973. A partir de sua criação até os dias de hoje vem desenvolvendo trabalhos passando por varias propostas musicais e diferentes coordenadores e regentes. Desde o ano de 1994, sob a coordenação e regência da professora M. Sc. Ana Lucia Colodetti Gada assume uma proposta de trabalho com música popular brasileira, sem deixar de fazer um passeio pelas raízes dos cantos indígenas e africanos, aliada à expressão corporal, ou seja, uma proposta cênica musical. Dentro dessa proposta, o Coral busca levar à população a boa música brasileira, através de arranjos bem elaborados e de bom gosto, apresentando-se em cidades do Paraná e também de outros estados, além de encontros de corais e em eventos diversos, enquanto forma de divulgar a arte do canto coral popular. Compõe-se, basicamente de 4 naipes é composto por comunidade interna e externa da UEM.



Contatos:
Professora M. Sc. Ana Lucia Colodetti
Gada
Av. Colombo, 5790 – Bloco A34 – Sala 01
Telefone:
(44) 3011-3879 (3ª e 5ª feiras – horário noturno)

Roda de Choro: música brasileira na comunidade

Andréia Veber*
Tiago Brizolar da Rosa**

O Departamento de Música tem contado com um projeto de extensão onde músicos e comunidade em geral pode estudar apreciar e praticar música brasileira. Trata-se do projeto “Roda de Choro: Música brasileira na comunidade”.

O projeto é estratégico por diversos motivos, como: o Choro está na raiz da música popular urbana do país; é tecnicamente exigente; aproxima a universidade da comunidade. As ações visam trabalho integrado entre atividades de ensino, pesquisa e extensão. São elas:

• Roda de Choro: aberta à comunidade e em clima informal, acontece às segundas-feiras das 18h30 às 20h, na sala 11 do bloco O08 – DMU/ Campus Sede UEM;

• Grupo de base: envolvido em todas as ações do projeto, se reúne e ensaia toda semana logo após a roda. É requisitado constantemente para apresentações (contato: rodadechorouem@gmail.com);

• Oficinas de música: voltadas para o estudo do gênero, bem como da música brasileira em geral, são oferecidas em dois formatos: uma em curso semestral, que está em andamento; outra em



oficinas de curta duração, que acontecem esporadicamente e que são divulgadas no espaço da Roda de Choro no Facebook: <https://www.facebook.com/rodadechorouem?fref=ts>
O grupo de base, além da coordenadora professora Andréia Veber, é integrado pelo professor Pedro Ludwig, e pelos acadêmicos Andro G. Baldan Ribas, Édipo L. Ferreira, Paulo H. Pereira, Rafael Alves Marinho, Tiago Brizolar da Rosa e Wellington E. Alves.

A Roda de Choro constitui-se como uma das principais ações desenvolvidas no projeto. Ela pode ser considerada a matriz do Choro,



perientes. Porém, os músicos menos experientes também tocam.

Dentre as mais recentes conquistas do projeto, ressaltamos a aprovação no edital PROEXT 2014 e a participação com artigo e duas apresentações musicais selecionadas para a “9ª Conferência Latinoamericana de Educación Musical y 2ª Conferência Panamericana de Educación Musical, ISME CHILE 2013”, um dos mais importantes eventos da área de ensino de música no cenário mundial, que aconteceu em Santiago (Chile) no início de setembro. A qualidade dos trabalhos apresentados motivou convites para intercâmbio internacional.

Em agosto, como resultado do trabalho do primeiro semestre, foi gravado um CD no Laboratório de Pesquisa e Produção Sonora (LAPP-SO-DMU).

Ainda neste ano, está prevista a participação do projeto na Temporada Universitária.

*Andréia Veber – Coordenadora do Projeto/Departamento de Música. Email andreiaveber@gmail.com

**Tiago Brizolar da Rosa - Acadêmico do curso de música e um dos idealizadores do projeto/Departamento de Música. Email tiago.brizolar@gmail.com

Grupo TAP UEM



O Sapateado entrou pelas portas da frente na UEM! Com a antiga sede da Sala da Dança localizada no câmpus em frente à avenida Colombo, embaixo de uma figueira branca, onde jovens curiosos buscavam mais do que simplesmente estudar. Passavam por ali para relaxar e se divertir, improvisando sons através das batidas dos sapatos tocando o piso de madeira. Logo, uma nova composição se formava,

e entre um desafio e outro, surgia uma ideia para novas coreografias. Com o crescente interesse por filhos de servidores em praticar o Sapateado nas primeiras turmas de Cursos de Extensão oferecidos, havia crianças, jovens universitários e professores, todos na mesma turma; o encanto pelo Sapateado foi despertado aos poucos por todos que passavam por ali. Com o interesse por esta prática, os que começaram crianças agora

colaboram com montagens coreográficas do Grupo e têm uma vida profissional como professores de Sapateado em Maringá e Região. O Grupo tem coreografias bem variadas em seu repertório: Tango, Samba, Jazz, Blues, Dance. Possui premiações em Festivais Internacionais como o Brasil Tap Jazz, o Sapateia São Paulo e Joinville. Sempre com inovação, a coordenadora Daisa Poltronieri tem colocado os sapateadores do

Grupo ligados à Cultura através de apresentações em eventos da UEM, bem como em teatros, festivais e praças. Com o crescimento e a expansão dos cursos da UEM, muitos têm procurado o Sapateado! É só começar que a paixão vai te pegar pelo pé!

Para sapatear com o Grupo é preciso ter o conhecimento do Sapateado e, para os principiantes, os cursos de Extensão oferecidos pela APC no Bloco A34.

Escultura e percepção: relatos do fazer artístico na UEM

Marcelo Monteiro
Artista plástico

Quando caminho pela passarela central da UEM observo as esculturas e são inevitáveis as lembranças de quando estava trabalhando na primeira peça “O Contemplador” (que ficava ao lado do bloco 02). Imaginava que de um velho tronco de Flamboyant seco (condenado) poderia criar algo que viesse despertar a atenção das pessoas e, também, de certa forma, incitar-lhes alguma emoção.

Procuro trabalhar a escultura nas suas mais diferentes técnicas (metal, madeira, gesso, resinas, argila, blocos de pedra ou rochas, entre outros). Porém, acredito que o maior desafio é fundir as minhas “verdades” e impressões com determinados materiais e, por meio das formas, expressar para as pessoas as maneiras como vejo e percebo o mundo a minha volta.

Imaginava que “O Contemplador” seria apenas a primeira de outras criações, que poderiam passar a fazer parte do cotidiano das pessoas que por ali transitavam (comunidade interna e externa da UEM). Quando escolhi o título “O Contemplador” pensei justamente sobre o propósito do ato contemplativo, que nos estimula a pensar, sentir, sermos críticos e donos de nossas vontades e pensamentos. Penso que a contemplação é um momento muito rico e que

instiga nossas inquietações. Nesse caso o inusitado foi pensar e perceber que as esculturas expostas à céu aberto poderiam despertar o olhar das pessoas e proporcionar uma alternativa diferente para ocupar determinados espaços da universidade.

Em alguns processos de criação (nesse caso, a escultura) o tipo de material característico de uma região ou disponível para o artista se revela no resultado de seu trabalho. Em nosso caso, esculpir as obras da passarela central em madeira foi uma ideia que, a princípio, tinha duas intenções: criar obras que estivessem relacionadas com a história da UEM e reutilizar troncos de árvores condenados dentro do campus.

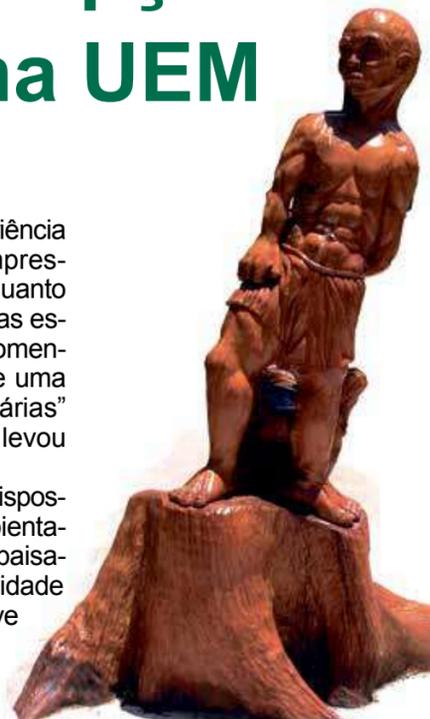
Na maioria das vezes, por questões muito peculiares de cada artista, o processo de criação ocorre em lugares mais restritos. No entanto,

para mim, foi uma experiência grandiosa ouvir as impressões das pessoas enquanto trabalhava cada uma das esculturas. Em alguns momentos, pude perceber que uma mesma obra foram “várias” durante o tempo que levou para ficar pronta.

Pensar as esculturas dispostas na passarela e ambientadas ou integradas na paisagem natural da universidade é algo que sempre esteve relacionado com meu propósito de artista: quero que todas as artes sejam vistas pelo maior número possível de pessoas, que as “portas” da arte estejam escancaradas e que as formas, as cores, os sabores, o som, os movimentos nos toquem para que nunca mais sejamos os mesmos.

Quando as pessoas me relatavam suas impressões (sobre a escultura sendo feita

e terminada), e não mencionavam nada sobre o peso do material, ou seja, que ali estava um tronco de mais de uma tonelada, era algo que me deixava mais motivado para as outras criações. Entendo que o prazer é o resultado de motivações muito íntimas e pessoais e quando nos reconhecemos na obra de arte, ou nos identificamos com ela, é certo que algo muito especial aconteceu. Por fim, jamais poderia deixar de dizer que tudo isso que mencionei só foi possível porque tive a felicidade de encontrar pessoas aqui na universidade, que através da extensão universitária, acreditaram e me ajudaram a desenvolver todo esse trabalho. Pessoas essas pelas quais tenho profundo respeito e admiração.



A importância de se fazer arte na UEM



Edilene Gobbi

Téc. de Laboratório.

Funcionária da UEM há 18 anos.

Fazer arte é sempre muito importante, no meu caso o ramo artístico escolhido foi o canto coral. Escolhi o canto por me identificar muito com a música, por gostar de cantar e por ter ali a minha válvula de escape. Mas antes de falar exatamente a importância que o canto coral na UEM teve para mim, gostaria de apresentar um pouco da história desta arte.

O canto coral tem suas raízes intimamente associadas à história da música e da própria humanidade. O termo choro nasce na Grécia e diz respeito aos grupos de cantores e dançarinos que uniam suas vozes para formar melodias distintas entre si. Era dentro dos templos cristãos que funcionavam as primeiras escolas de canto coral, sendo a primeira delas fundada pelo Papa Silvestre I no século IV d.C.

Os corais desligaram-se das igrejas para satisfazer a demanda cultural que estava imergindo na sociedade em várias regiões da Europa, como a França, Áustria e Alemanha, onde hoje apresenta-se o coro de Berliner Singakademie, fundado em 1791.

Basicamente, o canto coral configura-se como

uma prática musical exercida e difundida nas mais diferentes etnias e culturas. O coro é um espaço constituído por diferentes relações interpessoais e de ensino-aprendizagem entre regente e coralistas.

Aqui na universidade pude experienciar essa vivência do canto por aproximadamente 5 anos. Fui integrante do Coral da UEM, e durante esse tempo, aprendi muito e, o que em minha opinião foi uma das coisas mais importantes, pude me relacionar com pessoas que mesmo trabalhando na mesma instituição que eu, além da comunidade acadêmica e externa, não me relacionaria de outra maneira, pelas diferentes rotinas que cada setor apresenta.

O fazer arte dentro da UEM, além de instigar os talentos de cada pessoa, nos proporciona experiências grandiosas, de relacionamento entre os integrantes do grupo e de troca com o público que assiste e participa de cada apresentação.

Experimentar essa sensação de estar em contato com pessoas diferentes com as que estamos acostumadas no dia a dia, de perceber o brilho nos olhos quando elas escutam músicas que fizeram parte de

sua vida é algo indescritível. Subir no palco, cantar para pessoas conhecidas e desconhecidas mexe com nossos sentimentos, no começo há uma insegurança, mas no decorrer do espetáculo, com a troca de energia com o público, tudo se acalma e o tempo parece não passar.

Sou muito agradecida por todos os momentos que passei no Coral, cada expectativa ao trabalhar um novo espetáculo, cada prova de figurino, cada escolha de repertório, pelos mínimos detalhes que fizeram parte da minha vida. Se eu pudesse deixar um conselho seria esse, faça arte. Independente do tipo canto coral, teatro, dança, música, faça um tipo de arte que lhe de prazer, que te proporcione sair nem que seja somente durante os ensaios e apresentações, de sua realidade. Nós precisamos deste tempo fora, pra esfriar a cabeça, pra poder colocar no lugar pensamentos que possam estar nos causando algum sofrimento. Com a arte, você pode expor, ou melhor, pode transpor esse sentimento, fazendo uma atividade prazerosa, canalizando as energias para as coisas boas da vida.